



PROMETEUS

Filosofia em Revista

PROMETEUS - VIVA VOX

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

ano 5 número 10 Julho-Dezembro de 2012



BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 8 DO *ENCHEIRÍDION DE EPICTETO* E A LAMPARINA DE BARRO COZIDO

Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues
Doutorando em Filosofia pela PUC/ São Paulo

Resumo: O texto propõe inicialmente uma releitura do verbo grego *euroéō* (ter um curso fácil, abundante, etc.) a partir do oitavo capítulo do *Encheirídion* (Manual) de Epicteto. A tradução do termo *euroéō* por “prosperar” lançará luzes para se compreender a relação complexa existente na filosofia de Epicteto entre o homem e o ser à sua volta, demonstrando o papel da máxima *gnóthi sautón* (conhece-te a ti mesmo) no caminho ascético de conquista da paz do coração.

Palavras-chave: *Gnóthi sautón. Euroéseis. Hhypolepsis. Prohaíresis.*

Abstract: This paper proposes initially a reinterpretation of the Greek verb *euroéō* (have an easy course, abundant, etc.) from the eighth chapter of *Epictetus's Encheirídion*. The translation of the term *euroéō* for "prosper" throw lights to understand the complex relationship that exists in the philosophy of Epictetus between man and being around him, demonstrating the role of maximum *gnóthi sautón* (know-thyself) in the ascetic way of gaining peace of heart.

Keywords: *Gnóthi sautón. Euroéseis. Hhypolepsis. Prohaíresis.*

Não procure as coisas que vêm a ser venham a ser como queres, quere as coisas que vêm a ser como vêm a ser e prosperarás (*euroéseis*).¹

É bastante incomum traduzir o termo *euroéseis* (serenação/serenamento) do capítulo 8 do *Encheirídion* de Epicteto pela palavra *prosperar*. Pierre Hadot em sua tradução do *Encheirídion* verte o vocábulo conforme a expressão: “e serás feliz”. A versão bilíngue espanhola: “y te irá bien”. A tradução brasileira deu nessa perífrase: “e tua vida terá um curso sereno”.

Todos esses sentidos da palavra *euroéseis* são aceitáveis, contudo nenhum deles, a nosso ver, capta e abrange a intenção da afirmativa de Epicteto. Tanto “a conquista da felicidade” quanto “o curso sereno da vida” são consequências, e não a coisa mesma. O verbo *euroéô*, cujo infinitivo é *euroein*, nasceu da junção do prefixo “*eu*” (bem, facilmente) com a palavra *roe* (fluxo, escoamento, corrente de rio). O Francês Joseph Souilhé, que estabeleceu e traduziu o texto original grego de Flavio Arriano, verteu o termo por *serenité* (serenidade)². A palavra *euróia*, da mesma família de *euroéô*, é utilizado por Epicteto nesse excerto do *perí prokopés* (em torno do progresso espiritual) Epicteto observa:

Aquele que progride é quem aprendeu dos filósofos que o desejo é pelas coisas boas e que a repulsa é pelas coisas más; é o que aprendeu também que a *serenidade* e a privação de sofrimento (*tó euroyn kai apathés*) não advêm de outro modo ao homem senão assegurando o <objeto de> desejo e evitando o <objeto de> repulsa [...] Como, portanto, concordamos ser a virtude algo tal e buscamos e exibimos progresso em outras coisas? Qual a obra da virtude? A serenidade (*euróia*).³

Ipsis litteris, “*euróia*” diz: “curso fácil ou abundante”. Quando referido a acontecimentos, denota “curso favorável, próspero”, quando relacionado a pessoas, indica loquacidade, desenvoltura no ato de falar. A palavra, no contexto estoico, parece haver sido concebida a partir da observação das águas de um rio, por isso agrega o significado de “livre curso, de fluência, de fluidez”.⁴

¹ EPICTETO, *Manual*, VII, tradução nossa.

² Uma tradução mais apropriada para o termo *euroesis* seria “serenação” em vez de simplesmente “serenidade”.

³ EPICTETO, *Diatribes*, I, IV. Agradecemos aqui ao maior tradutor de Epicteto em língua portuguesa, o Dr. Aldo Dinucci, que, com seu desprendimento, zelo e bondade habituais, além de vir discutindo conosco os meandros dessa filosofia encantadora, cedeu-nos de bom grado sua tradução parcial das *Diatribes* direta do grego.

⁴ Em Platão, nas leis 784b, o termo significa “curso feliz dos eventos”.

Sabe-se que Epicteto, estando a mais de trezentos anos distante dos fundadores do Pórtico, utilizava em suas “aulas” os textos destes como ponto de partida para sua *práxis* pedagógica. Brehier tinha razão quando afirmava ser imprescindível estudar Epicteto para se entender a antiga *Stoa*⁵. Prova disso é o uso que Epicteto faz da palavra *euróia* cujo sentido essencial não passa de uma repercussão do pensamento de Zenão.

Eis a expressão tal como o fundador do pórtico proferiu quando definiu o sentido da felicidade humana, colhida e conservada posteriormente por Diogenes Laércio⁶: *euróia biou*, que pode ser vertida assim: “o fluxo livre da vida, a fluência suave do curso da vida” cuja concepção descansa sobre a metáfora dum rio que alcança o mar sabendo assimilar, em sua andadura, as pedras e os empecilhos do caminho.

O termo *prosperidade* é atualmente entendido no sentido do acúmulo de bens, sob a ótica da riqueza material. Geralmente se pensa: a pessoa capaz de comprar o que quer e é portadora de numerosas coisas possui uma vida feliz. Conforme esse ponto de vista, ter vida próspera significa ser a pessoa bem-sucedida nos empreendimentos realizados, conseguindo facilmente alcançar seus objetivos no tangente a carreiras, bens, inclusive alcançando o reconhecimento público de sua importância, de seu valor. Se consegue obter facilmente o objeto de seus desejos, se as coisas caminham bem segundo seus planos, o homem se sente feliz e satisfeito com sua vida. Eis o quadro perfeito do homem afortunado, venturoso e feliz segundo a maioria.

O filósofo estoico também tem em vista a vida feliz (*eu zein*, o bem viver, a vida boa) mirando a satisfação e a *prosperidade*, embora, num outro modo de senti-la, considerá-la e vivê-la. Olhemos mais de perto a palavra *prosperar* através da chave interpretativa epictetiana.

O prefixo latino *pro* significa “movimento para adiante” sugerindo a ideia de adiantamento, avanço, antecipação. O verbo *spero* em latim significa, entre outras coisas, *esperar* mesmo. Ora, epictetianamente falando, *prosperar* como *euzein* diz “avançar ao encontro daquilo que se espera”, ressalvada a condição do ato de querer ir a reboque dos acontecimentos e não à sua frente, impondo-lhes direção e sentido. “Deseja que ocorram as coisas que ocorrerem e deseja somente que vença quem for o vencedor, pois assim não te farás obstáculo”⁷. Destarte, se cabe algum ato de “antecipação”

⁵ Émile BRÉHIER, Prefácio a A. VIRIEUX-REYMOND, *La logique et l' épistémologie des stoïciens*, p.v.

⁶ Diogenes LAÉRCIO, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, livro VII, item 88.

⁷ EPICTETO, *Manual*, 33,10. Tradução de Aldo Dinucci.

(avançar ao encontro daquilo que se espera), é o de nunca esperar o ser seja diferente do que é.

A célebre distinção entre as esferas de concernência que Epicteto recriou e inseriu na história da filosofia como uma das etapas do caminho da conquista da prosperidade (*euróia*), ou seja, *as coisas sobre nós* (as pertencentes ao nosso campo de atuação porquanto nos dizem respeito) e *as coisas não sobre nós* (aquelas fora de nosso domínio e que, portanto, não nos competem) prepara o *convertido*⁸ para a entrada no primeiro *topos*⁹ de exercício espiritual, a saber: o *tópos* a respeito das cobiçações e das evitações (*ho Perí tás oréxeis kai ekklíseis*) ou simplesmente o da disciplina e reorientação do desejo.

No segundo capítulo do terceiro livro das *diatribes*, intitulado “Sobre que é preciso exercitar-se [com o fito de ir] avançando adiante e por que negligenciamos senhorear as mais importantes [coisas]”, Epicteto estabelece o domínio de exercício espiritual cuja interface é a realidade do real para além das projeções e ideações humanas, vejamos:

São três os domínios a respeito dos quais é preciso se exercitar havendo de ser bom e belo [o homem]: [Sendo o primeiro] o domínio das coisas do ato de desejar e das do ato de se afastar, a fim de que, desejando [alguma coisa], não erre o alvo, nem, afastando-se, caia em volta [do evitado].¹⁰

A filosofia, na visão de Epicteto, é uma psicascética, uma ginástica do espírito cuja ação primeira é cuidar do desejo e das coisas que evitamos. Uma maneira de traduzir o exercício em termos práticos, ou seja, de vivenciá-lo filosoficamente, é querer os acontecimentos como acontecem ou, o que dá no mesmo, de desejá-los tais quais são.

Para se garantir a ausência ou a privação de perturbação na alma (*ataraxía*), Epicteto defende a necessidade de se aprender a disciplinar o querer, aprender a querer aquilo que acontece. Quando o homem sabe e segue operando a separação do que lhe pertence propriamente daquilo que nenhumamente lhe cabe, *euroein* é *pro-esperar* o ser. Enquanto o homem comum nutre a expectativa de o ser não ser como é, o estoico deseja-o tal qual. A atitude de inconformidade tomada em si mesma, para o estoico, já é

⁸ Aceitamos a tese de Pierre Hadot que assevera ser a filosofia na antiguidade um modo de vida, um jeito de se viver que pressupõe uma conversão, na exata medida em que, o *philosophos* é um convertido a um modo de vida, a certo jeito de viver.

⁹ Palavra que, no contexto da filosofia de Epicteto, significa reino, domínio, esfera de ação.

¹⁰ EPICTETO, *Diatribes*, III, II,1.

a própria desventura, porquanto ninguém consegue ser feliz rejeitando o “sendo”. O ser segue sendo invariavelmente o que é, independente de quaisquer desejos, veleidades ou caprichos humanos. Nesse comenos, o episódio contado por Epicteto sobre seu mestre Musonio Rufo é esclarecedor:

Encontraram-se Tráseas e Musonio na rua, Tráseas tinha o hábito de dizer: quero ser morto hoje, antes que ser exilado amanhã. E Rufo lhe respondeu: assim como se escolhêssemos o mais pesado de todos, seria uma estultícia, do mesmo modo se o mais leve! Quem foi que te deu a escolha? Por que não te contentas com o que te foi oferecido?¹¹

Em outras palavras, onde não há preferência não há escolha! A vida pode fluir sem entraves quando *pro-esperamos* o ser. O *modus operandi* consiste, não em querer mudar os acontecimentos, mas em aprender a se adequar ao *instante presente*. Pierre Hadot, comentando uma citação do imperador antonino Marco Aurélio¹² sobre o *exercício espiritual de fixação no presente*, diz:

Assim como é uma ilusão representar que uma canção é outra coisa do que uma seqüência de notas, a dança, uma seqüência de figuras sucessivas, é um erro funesto igualmente se deixar perturbar pela representação global de toda sua vida, pela acumulação de todas as dificuldades de todas as provações que nos esperam.¹³

A *prosperidade* está em ser disponível para que as coisas sejam como são *hic et nunc*, e essa disponibilidade para o ser que se dá assim tal qual é propicia o *curso suave da vida*. A *prosperidade* entendida como abertura para o ser tem como consequência a serenidade, a boa fluência entre os obstáculos naturais do caminho, enfim a *serenação* da alma.

Mas, o que esperamos quando *pro-esperamos*? Esperamos as coisas sejam como são, porquanto para Epicteto não existe mal natural no mundo¹⁴. O modo de acolher os eventos decorre do dogma estoico em relação aos bens e males. Estes não ocorrem a ninguém, porque resultam das escolhas (*prohaireseis*) e não dos acontecimentos. O raciocínio a servir de base para essa tomada de posição frente ao ser, ante as ocorrências em roda da vida, é a antiga distinção entre as coisas boas e não-boas. Nestas é possível ainda efetuar uma divisão *contrária*: na subdivisão das coisas não-boas tem-se as más e

¹¹ EPICTETO, *Diatribes*, 1.1.26, tradução nossa.

¹² MARCO Aurélio, *Meditações*, VIII, 36: “Não te deixes perturbar pela representação global de tua vida.”

¹³ PIERRE, Hadot, *Exercices spirituels et philosophie Antique*, p.153.

¹⁴ EPICTETO, *Manual*, 37.

as nem boas e nem más, ou seja, as indiferentes (*adiaphora*). É desse vetusto dogma do Pórtico que promana a seguinte asseveração de Epicteto: “O viver [i.e. *o fato de viver*] é indiferente, o servir-se [*do viver*] não é indiferente.”¹⁵

Epicteto faz depender de nós tanto as coisas boas quanto as más. Em contrapartida, as nem boas e nem más categoriza como não dependentes de nós. E desdobra o ensinamento ao longo de sua *vida filosófica*¹⁶ de várias formas. Um exemplo marcante do quanto levava a sério o ensinamento acima exposto é o episódio em que é mostrada a indignação de um discípulo em relação ao mestre estoico na ocasião do deixamento da “escola” de Nicópolis:

Em seguida falais: Ancião sem coração, saindo eu de (lá da escola) não chorou, nem disse: “criança, caso enveredes para dentro de circunstâncias embaraçosas e difíceis, se fores mantido são e salvo, acenderei o candeeiro.”¹⁷

Do entendimento luminoso de que o mundo não é a ribalta dos desejos satisfeitos, deriva a preceituação da diretiva de se aprender a querer o que o destino quer. Na opinião do filósofo estoico, a *eudaimonia* (felicidade), ou seja, a *ataraxia* (ausência de perturbação) ou a *apátheia* (privação de padecimento), só pode ser conquistada através da *téchnê tou bíou* (arte de viver) e esta não consiste na subordinação do mundo aos caprichos inconstantes, as volubilidades do dia passante, mas sim no exercício de adaptação às suas exigências, às suas leis, na obediência ao *lógos* ínsito no homem e na *phýsis* (natureza).

A feição providencial da *phýsis* (natureza) que o Estoicismo reflete no espelho de sua *theoria* da *phýsis* garante a *razão de ser* de todas as coisas. É bastante o homem alumiado pelo conhecimento filosófico se abstenha de emitir juízo de valor (*hypólepsis*)¹⁸ em relação às coisas não dependentes dele e tudo ficará bem. Sobre isso há uma passagem lapidar do imperador antonino Marco Aurélio, o discípulo tardio de Epicteto: “Tudo é juízo de valor (*hypólepsis*) e este de ti depende. Suprime, pois, o juízo

¹⁵ EPICETETO, *Diatribes*, II,IV, 1. Tradução nossa.

¹⁶ Epicteto ensinava através da própria vida, não foi filósofo de gabinete e pertence à estirpe de filósofos ligados à tradição socrática da filosofia.

¹⁷ EPICETETO, *Diatribes*, III, XVII, 37-38. Tradução nossa. Sabe-se que os alunos de Epicteto muitas vezes vinham de longe estudar na cidade de Nicópolis com o grande mestre estóico e passavam com ele algum tempo num regime muito parecido ao de um seminário. Quando estavam prontos Epicteto os devolvia para os lares de onde vieram.

¹⁸ Aceitamos a tradução de Pierre Hadot para a palavra *hypólepsis*, juízo de valor; contudo o termo é traduzido também por *opinião* e *juízo*.

de valor quando queiras e, como se tivesses dobrado um cabo, tudo será calma e quietude numa enseada mansa”¹⁹.

Pierre Hadot, em seu estudo magistral sobre a obra do imperador e também filósofo estoíco, Marco Aurélio, considerou a obra *tá eis eautón* uma orquestração dos temas dos exercícios espirituais ensinados por Epicteto. Neste trecho do *Encheirídion* achamos a fonte de onde promana as meditações do imperador filósofo: “Perturbam os homens, não as coisas (afazeres, assuntos), mas os dogmas a cerca das coisas”²⁰.

O conselho de sabedoria prática “não procure as coisas que vêm a ser, venham a ser como queres, quere as coisas que vêm a ser como vêm a ser e prosperarás (*euroéseis*)” revela duas proveniências: a intenção geral da obra de onde procede e a filosofia que lhe dá sustentação. O termo *Encheirídion* significa literalmente *à mão, à disposição da mão*, daí, *instrumento manual, punhal*, ou simplesmente *manual*. Por isso o vezo de traduzi-lo por *Manual* de Epicteto. Flavio Arriano confessa na introdução das *Diatribes* nunca haver pretendido sua publicação, pois tratava-se de simples anotações da *parresia* (palavra viva e franca) de Epicteto para uso próprio (*hupomnémata*). Do imperador antonino Marco Aurélio, discípulo tardio de Epicteto, foi encontrado espécie de diário de *exercícios espirituais*, o postumamente nomeado *tá eis eautón* (“coisas para si mesmo”), expressão grega traduzida costumeiramente por *escritos para si mesmo*. Esses dois exemplos, observada a distância de tempo existente entre o imperador romano e o militar Flavio Arriano, servem para demonstrar não ser vazia de significado a falta de interesse de ambos em apresentar para os outros os pensamentos guardados com carinho na casa íntima. No *Encheirídion* lemos o seguinte:

Os carneiros não amontoam o capim para mostrar aos pastores quanto comeram, mas, digerindo por dentro o alimento, produzem lã e leite por fora. Da mesma forma, portanto, não debes mostrar teoremas a pessoas sem os conhecimentos necessários, mas sim as ações produzidas depois de digeridos.²¹

O filósofo estoíco não ignorava o poder vivificante da palavra interiorizada para a mudança do discurso interior. A filosofia antiga no período helenístico e romano é *conversão*²². O aprendiz de filosofia não é aderente a um conjunto de ideias para ilustração diletante, é o optante por um modo de vida, aquele que escolhe viver

¹⁹ AURÉLIO, Marco, *Meditações*, XII, 22 e

²⁰ EPICTETO, *Manual*, V. Tradução nossa.

²¹ EPICTETO, *Manual*, XLVI – nossa tradução.

²² PIERRE, Hadot defende que a titulação vale para toda a filosofia antiga.

filosoficamente os dogmas de uma escola. O filósofo é um *convertido* a um modo de vida.

Ao longo de toda a história da filosofia antiga sempre houve um filósofo atrás de outro filósofo. Um escrevente. O outro vivente. Para dar três exemplos clássicos: Sócrates atrás de Platão; Epicteto atrás de Flavio Arriano e de Marco Aurélio; Amônio Sacas atrás de Plotino. Por que tão alta estirpe de filósofos nada escreveu? Indicação mais clara não há do que se lhes afigurava ser a filosofia.

Partimos da lição de sabedoria prática assinalado por Epicteto para a conquista da serenidade (*euróia*), a saber: “Não procure as coisas que vêm a ser venham a ser como queres, quere as coisas que vêm a ser como vêm a ser e prosperarás (*euroéseis*)”. O princípio acima, de encaminhamento da vida em boa fluência, é uma síntese bem elaborada de um ensinamento de Zenão, o fundador da *Stoa*. Ei-lo tal qual foi registrado pelo historiador filósofo Diógenes Laércio:

E nisto consiste a excelência do homem feliz, e consiste o curso suave da vida [*euroésis*/ serenização/pro-speridade], quando todas as ações praticadas promovem a harmonia entre o espírito existente em cada um de nós e a vontade do ordenador do Universo.²³

Ora, as ocorrências da vida não causadas por interferência humana derivam da “vontade do ordenador do Universo”. Então, a *euróia biou* (a felicidade segundo Zenão), ou a boa fluência por entre os obstáculos naturais do caminho da vida, só pode ser alcançada por meio dum acordo entre o querer e as “ocorrências”, ou seja, entre o desejo e “a vontade do ordenador”, porquanto, como diz Epicteto no *Encheiridion*, “aí onde está o interesse, aí também está a piedade”. Quando o filósofo estoico se refere à piedade (*eusebéia*), as teses filosóficas dantes apresentadas conectam-se com perfeição:

Quanto à piedade em relação aos Deuses, sabe que a coisa mais importante é a seguinte: que possuas concepções corretas sobre eles – que existem e governam todas as coisas de modo belo e justo – e, a partir disso, *que imponhas sobre ti uma disciplina de modo que confies neles e aceites todos os acontecimentos*, e espontaneamente compreendas que são ordenados pela melhor das inteligências. Assim, não te queixarás dos Deuses nem os acusarás de o terem esquecido. Isso não pode acontecer senão abandonando a ideia de que o bem e o mal são causados pelas coisas que não estão sob nosso controle e se unicamente considerares o bem e o mal naquelas coisas que estão sob

²³ DIOGENES, Laércio, *vida e obra dos filósofos ilustres*, L. VII, (88)

nosso controle [...] pois onde está o interesse, aí também está a piedade.²⁴

O espírito dos escritos de Arriano no *Encheiridion* estriba-se no sentido ginástico de filosofia herdado por Epicteto de Musônio Rufo, motivo da inspiração de Arriano para elaborar filosofemas concisos para memorizar e aplicar os princípios fundamentais, as diretrizes de conduta, enfim, os dogmas do Pórtico. Arriano tinha razões para acreditar serem poderosos os princípios filosóficos interiorizados para transformar, através da autocompreensão ou heautognóse, a disposição íntima (*gnome*)²⁵ do aprendiz de filosofia, gerando o fenômeno da *conversão* progressiva, a única capaz de propiciar o avançamento real no caminho de ascensão espiritual. O neo-estoicismo de Epicteto admite sim a progressão no tempo. A alma do estoicismo reside na observação prática dos ensinamentos, para Musônio:

O exercício próprio da alma consiste, primeiramente, em fazer com que estejam sempre à nossa disposição as demonstrações que provam os bens aparentes não serem bens e os males aparentes não serem males e em se acostumar em separar e distinguir os verdadeiros bens daqueles que não são verdadeiros; consiste, em seguida, em se exercitar e em não fugir de nenhum mal aparente e em rejeitar por todos os meios os males realmente tais e a procurar de todas as maneiras os bens verdadeiramente tais.²⁶

Ao longo de todo o *Encheiridion* Epicteto proporrá com muita insistência a orientação do diálogo interior com vistas à *conversão* do aprendiz de filosofia ao modo de vida escolhido, e isso só se pode fazer, uma vez assumido ser a filosofia um caminho ascético, uma ginástica do espírito baseada em autocompreensividade e *prosoché* (atenção)

A filosofia de Epicteto convoca o homem para si mesmo, esse precisa voltar-se para os próprios pensamentos a fim de começar ali a obra de sua autotransformação, aprendendo a se livrar da disposição íntima nascente das ideias contranaturais²⁷. Para tal, faz-se necessário se destacar, despertando do oceano da coletividade, convertendo sofrimento em autognose. Se prestarmos atenção, padecendo aprendemos quem somos. Aqui está um dos mais belos trechos sobre o assunto nas *Diatribes*:

²⁴ EPICTETO, *Manual*, 31, 1-4. O grifo é nosso. Citação ligeiramente modificada.

²⁵ Aceitamos a tradução de Pierre Hadot da palavra *gnome* por disposição íntima.

²⁶ TÉLÉS ET MUSONIOUS, *Prédications*, I, 11.

²⁷ Por exemplo: a atitude de não aceitação de o que quebra se quebrar, ou do que é mortal, morrer.

Como os maus poetas trágicos não podem cantar sozinhos, mas com muitos, assim alguns não puderam passear sozinhos. Homem! Se és alguém, caminha só e fala contigo mesmo e não te escondas no coro. Uma vez ridicularizado, olhai em volta, examina-te a fim de que tenhas conhecimento de quem és.²⁸

Nosso ponto de partida revelou a necessidade de o homem ter de distinguir entre o que é dele e lhe pertence propriamente, do que é de outros e não lhe diz respeito. O estóico através do mirante filosófico enxerga a si mesmo na paisagem de um mundo perfeito. O que lhe acontece não é de sua alçada porque pertence a uma esfera sobre a qual seus quereres e vontades não têm poder de veto ou voto. *A natureza de todos determina a cada um o seu: “Convém a cada um, o que a natureza de todos porta (traz) a cada um e, convém naquele tempo (naquela hora) quando (aquela natureza) traz (porta)”*²⁹.

Por outro lado, a interioridade humana é considerada por Epicteto como insubmissa e indestrutível. Se o homem não pode mudar o Destino, o Destino também não tem força para mudá-lo. Naquilo que só depende do homem, nem um deus seria potente o suficiente para penetrar em sua *cidadela interior* para alterar-lhe a disposição íntima. O processo de consciencização humana desse estado de coisas opera-se através da filosofia, ora, esta é para Epicteto uma psicascética, uma forma de exercício que envolve a vida em sua totalidade a partir do cuidado de si.

Na prescrição “caminha sozinho, conversa contigo mesmo”, assim como em tantas outras admoestações, Epicteto convida o homem para o ensimesmamento, para a cultura e arte de si. Decepções e experiências negativas são bem-vindas, porquanto constituem o acesso para o autoconhecimento. “Uma vez ridicularizado olhai em volta, examina-te a fim de que tenhas conhecimento de quem és”. O filósofo estóico não discute sobre “o sexo dos anjos”, trabalha com a vida real e esta inclui inevitavelmente o sofrimento.

Para Epicteto, o sofrimento é tão importante que representa papel fundamental no despertar da consciência para a filosofia. Se nunca houvesse padecido o homem, jamais despertaria para o cuidado de si, para o autoconhecimento, para o cultivo da arte de viver: “A origem da filosofia, pelo menos para o lado dos que se

²⁸ EPICTETO, *Diatribes*, III, XIV, 1-3. A tradução é nossa.

²⁹ MA, *Meditações*, X, 20. Grifo nosso. Tradução nossa. Costuma-se traduzir a expressão “*tón hólon phýsis*” por a “natureza universal”, optei pela tradução literal da expressão grega.

dedicam como é preciso, e conformemente à porta dela, é a percepção simultânea da fraqueza e da impotência desse [do homem] em torno das coisas necessárias”³⁰.

O mandamento, para o filósofo estoico, desdobra-se em três caminhos ascéticos, sendo que o primeiro e mais importante é descrito por ele assim:

Desses importantes domínios de exercícios de assenhoreamento, o maior deles e urgentíssimo é o [atuante] sobre as paixões, pois o sofrimento não vem a ser doutro modo senão do ato de desejar que erra o alvo ou do ato de evitar que cai em volta [do evitado]³¹

A experiência de desapontamento ou de decepção relacionadas às realidades da vida pode ser colocada em termos epictetianos assim: a percepção concomitante da fraqueza e da impotência do homem diante das coisas necessárias reside fundamentalmente no fato deste ignorar sua capacidade inata de escolher a escolha como modo de vida, isto é, em sua habilidade em operar a distinção entre as coisas necessárias e as dependentes dele. Note-se ser exatamente esse o campo visado pelo aforismo sétimo do *Encheiridion*.

Há um episódio na vida de Epicteto, registrado por Arriano, muito esclarecedor a respeito do que vimos comentando. Quem narra o incidente é o próprio filósofo estoico, uma vez diante de uma dessas fatalidades da vida, descrevendo indiretamente, através de uma conversa consigo mesmo, como trabalha com maestria o diálogo interior, utilizando o aforismo délfico por dentro da situação advinda, por fim, revelando seu *modus operandi e faciendi* de lidar com as situações adversas sem perder a serenidade. Aqui está o trecho:

Eu mesmo ontem, tendo uma lamparina de ferro ao lado das divindades, escutando um barulho da janela, corri. Descobri que a lamparina havia sido roubada. Considerei de mim para comigo mesmo que o ladrão sofreu alguma coisa ao roubar que não se deixaria persuadir facilmente³². Que [fazer] então? Amanhã, disse, encontrarás uma de argila cozida. Dado que se perdem aquelas coisas as quais se têm³³. – Perdi minha túnica. – (É) porque tinhas uma túnica. – Sinto dor de cabeça. – Não sentes alguma dor de chifres? Pois dessas coisas são as perdas, dessas mesmas coisas as penas, das quais [as mesmas coisas] também são as aquisições. – Mas o tirano vai acorrentar. – O

³⁰ EPICTETO, *Diatribes*, II, XI, 1-2. Tradução nossa.

³¹ EPICTETO, *Diatribes*, III, II, 3.

³² Isto é, a paixão sofrida pelo ladrão o empurrou para ação sem que esse lograsse conseguir persuadir-se do contrário, tornando-o escravo da situação.

³³ Ou seja, não se perde o que não se tem.

que? – A perna. – Mas o tirano vai tomar pela força. – O que? – O pescoço. O que afinal (o tirano) não acorrenta, nem toma pela força? – A *prohairesis* [escolha/deliberação/preferição]. Por isso os antigos convocaram [os homens] para o conhece-te a ti mesmo. Que significa tudo isso afinal, pelos deuses! Exercitar começando das pequenas coisas e a partir delas passar em direção as maiores.³⁴

O excerto aparece no capítulo intitulado “Por que não é preciso ser rude para com aqueles que falham (conosco)”, esse é o único capítulo nas *Diatribes* em que a gnoma *gnóthi sautón* é apresentada, digamos assim, integralmente. Theodore Colardeau entende a expressão no clima das relações humanas. Contudo sabe-se que há muito mais coisas em jogo aqui. Por exemplo, sobre o modo de condução do discurso interior face às adversidades.

Epicteto foi muito pobre. Praticamente não possuía nada. Era quase um mendigo. Suas posses se resumiam a uma esteira, uma túnica e uma lamparina de ferro. Ainda assim, foi roubado. É do conhecimento de todos onde morava, o casebre não era guarnecido nem com portas, nem com trancas. Não obstante, examinando a situação, não se queixa. *Não acusa ninguém*. Não faz drama. Imediatamente lembramo-nos dessa passagem do *Encheirídion*:

Mas se pensas teu unicamente o que é teu, e o que é de outro de outro, como o é de outro, ninguém jamais te forçará, ninguém te fará obstáculo, não te queixarás de ninguém, *não acusarás ninguém*, nem de modo algum agirás constrangido, não terás inimigos, ninguém te causará dano, pois não há coisa nociva alguma que te engane.³⁵

No ponto de vista do filósofo estoico, aquilo que é “roubável” e foi efetivamente roubado está dentro do esperado aconteça com as coisas passíveis de ser roubadas³⁶. Então, por que ser rude para com os que falham conosco? Ou irritar-se com os incidentes que não poderiam ser de outro modo? Entre os acontecimentos e as reações frente a eles, há um espaço de manobra. A filosofia visa estabelecer os meios de superação das dificuldades, a começar pela condução do discurso interior, mostrando que o único meio efetivo é o de trabalhar-se ativamente. Impõe-se como tarefa imprescindível operar a separação essencial, porque geralmente é a falta de

³⁴ EPICTETO, *Diatribes*, I, XVIII, 11-18. Tradução nossa.

³⁵ EPICTETO, *Encheirídion*, I, 3. O grifo é nosso.

³⁶ “Se desejares um vaso de argila, diz para ti mesmo, ‘desejo um vaso de argila’, pois se ele se quebrar, tu não te inquietarás” (EPICTETO, *Manual*, 3).

discernimento em distinguir o nosso do outro que faz do homem uma vítima das circunstâncias ou simplesmente, um escravo, como dizia Epicteto.

A filosofia para Epicteto é um caminho ascético estruturado sobre o mandamento “conhece-te a ti mesmo”, este é por sua vez um cuidado e arte de si mesmo, uma laboriosidade que, começando das pequenas coisas, passa gradualmente para as maiores. E o início de tudo está assente sobre esse simples fato constatado pelo mestre de Nicópolis: “Essa, pois a origem do sofrimento, querer alguma coisa e não vir a ser”³⁷.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

HADOT, Pierre. *Exercices spirituels et philosophie antique*, Édition Albin Michel, 2002.

HADOT, Pierre. *Études de Philosophie Ancienne*, Paris : Editora Les Belles Lettres, 2010.

ÉPICTÈTE. *Entretiens*, texte établi et traduit par Joseph Souilhé, Paris: Editora Les Belles Lettres, 4 vol, 2002.

MURACHCO, Henrique. *Língua Grega: visão semântica, Lógica, orgânica e funciona*. Petrópolis: Editora Vozes. 2 vol. 2001.

EPICTETO. *Enquiridión*. Tradução e notas: José Francisco García de La Mora. Edição bilingüe, grego-espanhol. Barcelona: Editora Anthropos, 1991.

AURELE, MARC. *Pensées*, texte établi et traduit par A.I.Trannoy. Paris: Editora Les Belles Lettres, 1925.

JAGU, Armand. *Épictète et Platon*. Paris: Editora Librairie philosophique J. Vrin, 1946.

FLÁVIO, ARRIANO. *O manual de Epicteto: apotegmas da sabedoria estoica*.

Tradução do texto grego, Doutor Aldo Dinucci. Sergipe: Editora Universidade Federal de Sergipe, 2008.

³⁷ EPICTETO, *Diatribes*, I, XXVII, 11 (Tradução nossa).